

BRASIL ANOS 1930: UM ESTUDO SOBRE OS ESCRITOS DE LILIA SCHWARCZ ACERCA DO PERÍODO

Maria Julia Ribeiro de Souza (PIC/UEM), Hilton Costa (Orientador). Email: hcosta@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais, Maringá, PR.

Ciências Humanas/História do Brasil

Palavras-chave: Era Vargas; Historiografia brasileira; Racialidade.

RESUMO

O presente projeto de iniciação científica tem como objetivo central investigar a interpretação construída pela historiadora e antropóloga Lília Moritz Schwarcz acerca da década de 1930 no Brasil, período notável para a formação do Estado Moderno e para a história brasileira. A pesquisa, de cunho bibliográfico e analítico-interpretativo, apoia-se sobre obras fundamentais da autora, como "O Espetáculo das Raças" (1993) e "Brasil: Uma Biografia" (2015), além de estabelecer diálogo constante com a produção de outros intérpretes clássicos do período, como Boris Fausto, Angela de Castro Gomes e Milton Santos. O foco desta pesquisa recai sobre os paradoxos moldantes do projeto varguista, tratando da tensão entre modernização e conservadorismo, inclusão social e controle autoritário, exaltação da mestiçagem e perpetuação do racismo científico. Os frutos do estudo comprovam que Schwarcz interpreta os anos 1930 não como uma mera sucessão de eventos, mas como um grande programa de poder no qual a busca por uma identidade nacional serviu, contraditoriamente, como instrumento de dominação e manutenção de hierarquias sociais. Conclui-se, portanto, que a contribuição singular de Schwarcz reside não apenas na originalidade de suas teses, mas em seu método de escrita e didática, que transforma a narrativa histórica em um ato de intervenção crítica no presente, convidando à reflexão sobre as permanências desses paradoxos na contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

A década de 30 no Brasil foi marcada por inúmeras transformações, como a Revolução de 30, o fim da república café-com-leite, os avanços no desenvolvimento urbano e nas políticas sociais e trabalhistas, o início do Estado Novo e afins. Entretanto, nas entrelinhas dessas grandes mudanças, moram as questões raciais que, com o crescimento do populismo e do nacionalismo promovido por Getúlio Vargas, se mostraram imprescindíveis para a compreensão não apenas daquele cenário como para o avanço no discurso da cultura afro-brasileira e indígena. Este projeto de pesquisa pretende, portanto, mergulhar mais profundamente nessas questões que permeavam nos anos 30 apoiando-se no olhar e na literatura de Lília Schwarcz.

A pesquisa propõe uma investigação nas várias obras da autora que remetem aos anos 30 e, ao mesmo tempo, aludem ao racial. Ao abordar uma linguagem proveniente das Ciências Sociais, é necessária uma análise das produções de Schwarcz, além da leitura e compreensão das obras de outros autores – como Ângela de Castro Gomes, Boris Fausto, Lúcia Lippi, Milton Santos e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo – para verificar as relações que podem ser feitas entre a década em destaque e o discurso de raça e como estes foram articulados e interpretados. Espera-se trazer luz à essa parte da história racial brasileira e criar reflexões sobre esse tema tão relevante.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, baseada em análises bibliográficas e interpretativas. O corpo do estudo é moldado pelas obras de Schwarcz que tratam o interagem diretamente com o período histórico analisado, com ênfase em “O Espetáculo das Raças” (1993) e “Brasil: Uma Biografia” (2015). A construção é feita ao ser constantemente comparada e dialogada com os livros de outros autores clássicos que estudaram a Era Vargas, constituindo uma ponte fundamental. Entre eles: “A Revolução de 1930”, de Fausto para tratar da política e da economia; “A Invenção do Trabalhismo”, de Gomes para tratar das leis trabalhistas e sindicalistas; e “O Espaço do Cidadão”, de Milton Santos para entender o territorialismo e as diferenças entre as regiões.

O método de análise integra numa leitura crítica e aprofundada nas fontes mencionadas, buscando identificar o que é dito sobre a década de 1930 e como é dito. A pesquisa procura entender os paradoxos e contradições que Schwarcz aponta, examinar os mecanismos de controle e autoridade do governo da época – o uso da ciência, cultura e corporativismo –, e apurar a própria retórica de Schwarcz e de sua escrita e narrativa. A ligação com outros autores auxilia a situar a contribuição específica da autora principal nesse debate e no campo da historiografia brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos trabalhos de Lília Schwarcz demonstra que sua interpretação dos anos 1930 são centradas nas antíteses que estamparam o período. Longe de ser accidental, essas contradições entre miscigenação e segregação, ciência e racismo e progressismo e conservadorismo, são as maiores engrenagens da máquina de perpetuação de controle e poder da Era Vargas.

O primeiro paradoxo se dá na modernização seletiva da época. Schwarcz, juntamente com Fausto e Santos, apresenta a forma como o avanço industrial e urbano, majoritariamente no eixo Rio-São Paulo, foi financiado e possibilitado pela manutenção impecável das estruturas obsoletas nos sertões e nas periferias, como no Nordeste. A Marcha para o Oeste, por exemplo, pode ser vista menos como um projeto de integração nacional e mais como uma expansão de poder das oligarquias tradicionais. O “Brasil moderno” era, então, um espaço que dependia do Brasil arcaico para existir.

O segundo paradoxo aborda o trabalhismo e o controle social. A pesquisa, por meio da detalhagem de Gomes – apoiada por Schwarcz –, confirma que a cessão do

governo ao dar direitos trabalhistas históricos através da Consolidação das Leis do Trabalho veio acompanhada pelo encurtamento das rédeas da autonomia sindical e do direito à greve. As uniões trabalhistas viraram vertentes do estado e apenas outros instrumentos de manipulação e vigilância que visavam o silêncio e o manejo das oposições. O “pai dos pobres”, como ficou conhecido Getúlio Vargas, foi a face paterna de uma ditadura, que dá benefícios ao restringir a liberdade.

O terceiro e mais sério paradoxo, explorado profundamente em “O Espetáculo das Raças”, é o que fala sobre a construção de uma identidade nacional única. A autora mostra em seu livro como o Estado Novo capitalizou e desvirtuou o debate de raças – ora a miscigenação era a raiz da cultura brasileira e a marca registrada do país, ora abrigava ideais eugenistas e a busca por um “embranquecimento”. Museus, universidades e pesquisas médicas prestigiadas produziam imenso material pseudocientífico usando racismo e darwinismo social como base, classificando e hierarquizando a sociedade. A “democracia racial” surgiu como mito poderosíssimo e como uma estratégia de dominação que camuflou a desigualdade com celebração.

Os resultados, portanto, revelam que a contribuição de Schwarcz, casada com os prismas de outros autores acerca do mesmo tema, não se resume apenas à identificação desses paradoxos, mas também é marcada pela forma como ela se expressa e os apresenta. A não-linearidade, as metáforas e a pintura das cenas convidam o leitor a experienciar e viver a complexidade e a tensão do período tratado: ao descrever as veias do poder e levar o espectador numa jornada pelos mínimos detalhes.

CONCLUSÕES

A contribuição de Schwarcz na historiografia brasileira mira muito além da pauta racial, científica ou política. Ela inova ao se destacar na forma como se comunica em suas obras e como estas irrompem com o modelo pronto da literatura acadêmica. É uma intervenção moderna, uma discussão de conceitos e a criação da acessibilidade ao conhecimento, dissertando um texto que pode ser crítico, emocionante, denso, fluido, inédito e clássico.

Ao abordar a década de 1930, essa retórica se fortalece ainda mais ao se portar como manopla fundamental para entender as nuances dos projetos de modernização brasileiros que sempre vieram acompanhados de segregação, desigualdade e de teatros que escondiam a exclusão violenta. Isto não se fecha em uma análise do passado, mas abre um convite à reflexão sobre o presente e como pode se espelhar no futuro.

Expandindo horizontes, Lília Schwarcz não encerra simplesmente seus estudos. A ambiguidade e as pontas soltas servem como uma história em construção: processos inacabados que tem como única constância a mudança. Esse gesto, ao se recusar a encerrar, abre portas para novas reflexões e ideias que continuam a reforçar que a história não acaba em si mesma e pode ser refletida eternamente adiante.

REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.